

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM PAUTA

Milena Mendonça da Silva ¹
Rayanne de França Fasseluan ²
Sônia Maria Cândido da Silva ³

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos no Brasil, as discussões sobre alfabetização cresceram exponencialmente, evidenciando o grande problema que paira em nossa Educação Básica. Essa preocupação se dá pelo avanço a passos lentos de que o país apresenta no desenvolvimento da leitura e da escrita. Segundo o Relatório Nacional da Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA) de 2016, mais da metade dos alunos do 3º Ano do Ensino Fundamental apresenta nível insuficiente no quesito leitura e escrita. O percentual de alunos com nível insuficiente é de 54,73%, o que significa dizer que esses alunos podem não conseguir, por exemplo, identificar ou localizar a informação central de um texto.

A meta 9 do Plano Nacional de Educação (2011-2020) era de elevar a taxa de alfabetização em 93,5% até 2015. No entanto, essa meta ainda não foi cumprida, visto que 45,3% de 93,5% apresentam aprendizagem adequada em níveis leitura. Diante deste cenário, retomam-se, no Brasil a questão sobre o processo de alfabetização, principalmente no que diz respeito aos métodos a serem utilizados pelos professores alfabetizadores. Estaria o método utilizado a raiz do problema?; o professor alfabetizador deverá guiar-se unicamente por um determinado método, em detrimento de outro?; ou será que a alfabetização no Brasil hoje ainda se dá de forma descontínua durante os Anos Iniciais do Ensino Fundamental?

Muito se discute sobre os motivos que podem contribuir para tais resultados serem tão alarmantes. No entanto, nota-se que o problema vai mais além da simples escolha de método e de teorias. O fato é que, na prática, nossas crianças passam pelos Anos Iniciais sem que se

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, mendoncamilena1@gmail.com;

² Graduanda do Curso Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, rhayfasseluan@gmail.com;

³ Sônia Maria Cândido da Silva, Doutora em Letras, Universidade Federal da Paraíba - UFPB, soniacandidoufpb@gmail.com;

apropriem do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) e, desse modo, estão chegando aos Anos Finais, vão para o Ensino Médio e, muitas vezes, chegam à universidade sem compreender a ideia central de um texto. Desse modo, compreende-se que se faz necessário um estudo acerca da continuidade da alfabetização no Brasil, o que se torna urgente investigar como está ocorrendo o processo de alfabetização no país e como professor, aluno e família contribuem para esse processo tão importante. Pretende-se, portanto, neste estudo discutir como ocorre esse processo no Brasil e como se desenvolve durante os Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

METODOLOGIA

A pesquisa trata de um estudo acerca do processo de alfabetização no Brasil, e tem caráter de pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, seguida de uma breve pesquisa de campo, com o objetivo de sintetizar conclusões possíveis acerca desse processo de alfabetização atual. A primeira etapa consistiu no levantamento de dados bibliográficos sobre os encaminhamentos legais para a concretização do processo de Alfabetização, sendo eles: A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o Plano Nacional de Educação (PNE) e o Pacto de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC).

Em um segundo momento, procedeu uma pesquisa de campo em duas escolas no Vale do Mamanguape-PB, numa Escola Municipal de Ensino Fundamental, localizada na cidade de Mamanguape, Litoral Norte da Paraíba. Neste trabalho será referida como Escola A, e a Escola de Ensino Fundamental, localizada na cidade de Rio Tinto, também litoral norte do Estado, que será referida como Escola B. Foi feita uma análise sobre dados obtidos através de observação de aulas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e de entrevistas feitas com as professoras regentes.

A preocupação gira em torno de compreender como ocorre o processo de alfabetização durante os Anos Iniciais. Foram observadas as turmas do 1º ano e 4º ano da Escola A e a turma de 2º ano da Escola B, com o objetivo de perceber na prática as implicações e peculiaridades daquelas turmas no quesito leitura e escrita. Após a observação dos dois primeiros dias de aula, foi desenvolvida uma atividade de leitura individual de um poema⁴; seguida de um ditado temático, tomando como referência palavras referente ao mesmo texto.

⁴ “Mais Importante” de Isabel Cristina Silveira Soares

Os registros de desenvolvimento foram feitos através de fichas de leituras e, com essa atividade, foi possível analisar os níveis de leitura e de escrita das turmas em referência.

Em seguida, foi realizada uma entrevista de cunho investigativo com cada uma das professoras, totalizando três professoras, baseada em como elas trabalhavam com os alunos no processo de alfabetização, para que pudéssemos compreender a diferença entre uma turma inicial e uma turma mais avançada, e as diferenças que existem na forma de alfabetizar e como elas lidam com todo o processo, com foco no desenvolvimento do processo descontínuo de alfabetização que ocorre durante os Anos Iniciais. A fundamentação teórica baseia-se nas contribuições de Magda Soares no que tange à alfabetização nos Anos Iniciais.

DESENVOLVIMENTO

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017, a alfabetização das crianças deverá ocorrer até o 2º Ano do Ensino Fundamental, com o objetivo de garantir o direito fundamental de aprender a ler e escrever. De acordo com essa lei, as crianças deveriam ter como prazo máximo até o 3º ano, tendo, no entanto, não é o que acontece, conforme se constatou nos dados da pesquisa feita. O Plano Nacional de Alfabetização, em sua Meta 5, também prevê que todas as crianças estejam alfabetizadas até o final do 3º Ano. O PNAIC, criado em 2012, firmou o compromisso com os Estados e Municípios garantirem que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade. Diante deste propósito, podemos perceber que, em todos os Parâmetros Legais, a alfabetização deve estar consolidada até o 3º ano do Ensino Fundamental. No entanto, os anos se passam e as escolas não conseguem avançar como o esperado, e, com isso, fortes discussões se prolongaram ao longo dos anos.

Um grande debate perdurou até a década de 1980 consistiu na disputa de qual método deveria ser adotado no processo de alfabetização e, por conseguinte, podemos observar rápidas mudanças de paradigmas nesse período. SOARES (2016): afirma que “via-se no método a solução para o fracasso na alfabetização, nesse período sempre concentrado na classe ou série inicial do ensino fundamental”. Desse modo, a mesma autora afirma que:

Como o fracasso persistia a despeito do método em uso, a cada momento um novo método era tentado, e assim o pêndulo oscilava: ora uma ou outra modalidade de método sintético, ora uma ou outra modalidade de método analítico: silábico, palavração, fônico, sentencição, global [...] (SOARES, 2016, p. 23)

Embora essa concepção de que o professor deva adotar um único método de alfabetização e que esse entendimento seria a causa do problema existente, neste processo, tenha cessado no meio acadêmico, surge um grande debate midiático acerca dos métodos de se alfabetizar. No início do ano de ano, por exemplo, o Ministério da Educação (MEC), pelo Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019, priorizou a utilização do método fônico no início do processo de alfabetização. Pesquisadores e teóricos criticaram a decisão, a exemplo de Magda Soares, que, em entrevista ao Blog Desafios da Educação⁵ afirmou: “surpreendente que ainda se acredite que a alfabetização se realiza com um único método e que se alegue que o método fônico é o único que se fundamenta em “evidências científicas”. Soares ainda afirmou que esse processo deve focar-se não apenas em como ensinar, mas focar o processo de aprendizagem de como a criança aprende.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo para a prática de sala de aula, o que se nota, através de observações e dados citados no início dessa pesquisa, é que a alfabetização, muitas vezes, não é trabalhada de maneira adequada. A maioria dos professores trabalha apenas a decodificação de letras e a leitura automática, e, com isso, as crianças aprendem a ler, inicialmente as letras, sílabas, palavras e frases, mas no final não entendem todo contexto, não aprendem a escrever ortograficamente bem, e leem só porque precisam, mas não saem letrados. Logo, este processo fica com rachaduras e são levadas até o ensino superior por muitas das vezes.

Conforme a observação, podemos notar que a turma de 1º ano da Escola A recebe um suporte maior relacionado à alfabetização do que a turma da Escola B por parte da docente que é preparada. A professora relatou que 50% dos alunos que chegam ao 1º Ano, muitas vezes, chegam sem preparação ou aptos àquele ano, ou seja, em muitos casos, a preparação para a alfabetização não ocorre na Educação Infantil. A professora do 1º Ano da Escola A, considerou ser esse um dos maiores problemas, mas citou também a falta da participação familiar, a falta de espaço apropriado, e o fato de a escola não possuir uma biblioteca.

Esse ano, a escola aderiu um novo programa (Estudar para Vencer)⁶, que tem causado interferência no modo de a professora lecionar, por já trazer uma rotina direcionada à turma

⁵ <https://desafiosdaeducacao.com.br/magda-soares-alfabetizacao-saeb/>

⁶ Programa surgiu da parceria com o Programa Educar pra Vencer, instituído pela Associação Bem Comum com a Fundação Lemann no município de Sobral no Ceará. Mamanguape é um dos seis municípios paraibanos que estão implantando na educação a experiência exitosa desse programa.

do 1º Ano, que precisa ser seguida no cotidiano escolar. Já na Escola B, onde foram observadas aulas da turma do 2º Ano, pôde-se perceber que as crianças, embora apresentem níveis de decodificação, em até certo ponto, adequados, não conseguem compreender a ideia central de uma simples questão. Um dos pontos que podemos destacar é o desenvolvimento da professora nas atividades que requeriam leitura, visto que ela estimulava apenas alunos mais desenvolvidos na prática leitora, deixando os demais alunos em segundo plano.

A docente da turma do 1º Ano da Escola A, possui 21 anos de sala de aula, licenciada em Pedagogia, com especialização para os Anos Iniciais, trabalhou também no 2º, 3º e 4º ano, mas percebeu que precisava alfabetizar alguns alunos que, ao chegarem nos anos mais avançados, continuavam “semianalfabetos”. Por isso, a docente afirmou fazer o que fosse possível para alfabetizar no tempo adequado. Quando questionada sobre métodos, ela respondeu que utilizava o tradicional e o fonético, mas que estava sempre mesclando para que pudesse se adequar à sua turma. Ressaltou ainda que, ao final do ano, as crianças alfabetizadas eram em quantidade menor, pois só o trabalho em sala de aula não dava conta, e, mesmo assim, a maioria que não podia ser reprovada avança de ano. Tal prática, sucessivamente, ocorre até o 3º Ano, visto que não se pode reprovar um aluno. Isso pode ser considerado um dos maiores fatores da alfabetização descontínua atualmente, visto que as crianças passam pela alfabetização no 1º Ano e os professores dos anos seguintes acreditam que não seja trabalho deles alfabetizar, e que essas crianças já devem vir alfabetizadas.

Em outro momento, na turma de 4º ano, durante a observação de dois dias de aulas, pudemos notar pouco a pouco a dificuldade de a professora trabalhar os temas estipulados pela grade curricular, porque inúmeras crianças ainda estavam na fase pré-silábica. Com isso, confirmamos que o processo de alfabetização não foi contínuo para essas crianças. Nesta situação, a professora terá que se desdobrar para passar a conteúdo normal determinado àquele ano, e, ainda, tentar praticar leitura e escrita individual com as demais crianças consolidar a alfabetização.

Após observação das referidas turmas, foi aplicada uma atividade diagnóstica de leitura. Nesta, as crianças precisaram ler um texto de curta extensão. Nesta proposta, pudemos analisar os níveis de leitura em que se encontravam. O registro foi feito através de fichas de leitura, que permitiram constatar que na Escola A, a turma do 1º Ano conta com quatro alunos que não leem, onze alunos leem silabando e cinco estão em nível silábico alfabético, enquanto a turma do 4º ano constatou que três crianças leem silabando, uma criança lê palavras, dez crianças leitoras de frases, dez crianças leitora de frase sem fluência e seis alunos leitores com

fluência. Já na Escola B, no 2º Ano, foi verificado que apenas uma aluna apresenta leitura com fluência, seis leem sem fluência, oito crianças leem silabando e oito não leem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise dos dados e observações, consideramos que o processo de alfabetização ainda se torna descontínuo por várias razões: pela formação descontinuada dos docentes, pela ausência familiar, na falta de um ambiente alfabetizador, pelos transtornos psicossociais e cognitivos de cada aluno, pela falta de suporte material e estrutural. Todos esses fatores contribuem no processo de alfabetizar que deveria estar “concluído” ao menos até o 3º Ano. E, com isso, alargando-se, muitas vezes, até o Ensino Médio. Assim, a população segue com defasagem no processo de leitura e escrita, o que afeta diretamente na prática social do indivíduo.

Essa pesquisa mostra o quanto o Brasil luta, há anos, para conseguir uma porcentagem adequada nas taxas de alfabetização no tempo adequado, e que, mesmo estabelecendo metas e estratégias, ainda não se consegue atingi-las. Esta discussão atual acerca da alfabetização pela maioria dos órgãos públicos está centrada apenas no mérito dos métodos. Porém, esses métodos não devem ser pré-definidos através de políticas públicas, mas por meio de práticas docentes, sejam adaptados aos alunos de acordo com suas necessidades. Desse modo, compreende-se que, Estado, família, escola fazem parte desse processo e devem trabalhar em comunhão, que desde o ambiente familiar até a sala de aula, tudo influencia na aquisição e desenvolvimento da leitura e escrita.

Palavras-chave: Alfabetização; Anos Iniciais, Leitura, Escrita.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental.** Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa:** Formação do professor alfabetizador: Caderno de Apresentação. Brasília: MEC/ SEB, 2012.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação - PNE.** Ministério da Educação, Brasília, 2011. Acesso em 29 de julho de 2019. Disponível em: <<http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>>.

SOARES, Magda. **Alfabetização:** A questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016